



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEP. BAB – CURSO DE PINTURA

Isabel Cezar Ebert

BENDITA SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES: FEMINILIDADE ABSURDA

Rio de Janeiro
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEP. BAB – CURSO DE PINTURA

BENDITA SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES: FEMINILIDADE ABSURDA

Isabel Cezar Ebert
DRE:119017502

Monografia apresentada
como pré-requisito
para conclusão do Curso de Pintura
da Escola de Belas Artes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

E16b Ebert, isabel
 bendita sois vós entre as mulheres: feminilidade
 absurda / isabel Ebert. -- Rio de Janeiro, 2025.
 32 f.

 Orientador: julio sekiguchi.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
 Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2025.

 1. o feminino, o sagrado e o absurdo. 2. o corpo
 feminino. 3. o sagrado feminino. 4. o absurdo
 feminino. I. sekiguchi, julio, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEP. BAB – CURSO DE PINTURA

BENDITA SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES: FEMINILIDADE ABSURDA

Isabel Cezar Ebert

DRE: 119017502

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema *Phanteon* da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau _____ em: ____/____/____

Local: _____

Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi. Doutor. EBA/UFRJ - Orientador

Prof. Lourdes Barreto. Mestra. EBA/UFRJ

Prof. Dr. Ricardo Pereira. Doutor. EBA/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, Ana e Fernando, que além do imenso apoio, me ofereceram a educação e todos os recursos que me trouxeram até aqui, também gostaria de agradecer a minha irmã, Mari, por ser minha maior apoiadora, inspiração e amiga. Por fim, agradeço também a Deus, apesar de todas as nossas discordâncias, esse trabalho não existiria se não fosse por Ele.

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta o estudo da linguagem da pintura como ferramenta para a criação de um universo imagético tangenciando a realidade feminina. A partir de um conjunto de diversas pinturas em óleo e acrílica sobre papel, questionar aspectos da feminilidade e experiência feminina usando dos meios pictóricos da pintura para apresentar um mundo reconhecível, íntimo e absurdo, usando da arte para tratar das performances sociais que formam o que reconhecemos como feminino.

Palavras-chave: pintura, feminino, sagrado, íntimo, absurdo, distorção.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- “As vezes o catolicismo parece só um grande teatrinho”, autoral, acrílica e óleo sobre papel, (2022).	11
Figura 2 – “Saboneteira e calcinha rosa”, Ana Elisa Egreja, óleo sobre tela (2024).....	13
Figura 3 – “Azulejaria em carne viva”, Adriana Varejão, (1999)	13
Figura 4 – “Fada do Ralo”, autoral, acrílica e óleo sobre MDF (2023).....	14
Figura 5 - Estudo, autoral, tempera guache sobre papel, (2022).....	15
Figura 6 – “Daria de tudo pra voltar”, autoral, acrílica e óleo sobre papel (2025).....	18
Figura 7 – “Peso líquido”, autoral, acrílica e óleo sobre papel (2024).....	19
Figura 8 – “290420”, Emília Patricio, nanquim sobre papel (2020). Fonte:.....	20
Figura 9– “Two women embracing”, Egon Schiele, aquarela sobre papel (1911). Fonte: https://www.mutualart.com/Artwork/Original-Nudes-in-the-Manner-of-Egon-Sch/46582C6A038DE22EBB51FA15E15569A5	20
Figura 10 – Paleta de cor, autoral.....	22
Figura 11 e 12 – Fotos de processos de pintura, autoral, 2025.....	23
Figura 13 -Mapa Visual “O Corpo Feminino, autoral, 2025.....	24
Figura 14 – “A mãe”, autoral, óleo e acrílica sobre papel, 2021.....	26
Figura 15 – “A filha”, autoral, óleo e acrílica sobre papel, 2021	27
Figura 16 – “A espirita Santa”, autoral, óleo e acrílica sobre papel, 2021.....	28
Figura 17 – Mapa visual “O Sagrado Feminino”, autoral, 2025.....	29
Figura 18 – “Dizem que carne de mulher é doce mas eu só sinto amargo amargo amargo”, autoral, óleo e acrílica sobre papel, (2021).....	31
Figura 19 – Mapa Visual “O Absurdo Feminino”, autoral, (2025).....	33

SUMÁRIO

1.O feminino, o sagrado e o absurdo	11
1.1. O corpo feminino	14
1.2. O sagrado feminino.....	18
1.3. O absurdo feminino.....	20
Considerações finais.....	23
Referências bibliográficas.....	24
Exposição: CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	34

Bendita sois vós entre as mulheres: feminilidade absurda



"Às vezes o catolicismo parece só um grande teatrinho", Belabort 297x420, óleo, acrílica e colagem sobre papel, 2022

O feminino, o sagrado e o absurdo/ coisa de mulherzinha

Como artista, considero que seria arrogante me propor a trabalhar algo que não fosse pessoal, que seria um fingimento assumir que posso falar sobre a realidade, e não só a minha percepção da mesma, com isso, ao longo da minha vida, ser mulher foi algo inescapável, estampado no meu corpo, que alterava totalmente a forma como eu era percebida pelo mundo a minha volta. Quando garota, descobri o significado da minha posição como mulher bem cedo na vida, me vi nessa condição que não se descolava de mim, como se não existissem pessoas, apenas mulheres e homens e tudo que eu viveria estaria intrinsecamente ligado ao meu sexo, e era para sempre assim que seria vista. Essa condição, prisão, pilar, entre outros, do que é ser mulher sempre me fascinou, revoltou e moldou. Por isso, minha pesquisa como artista não poderia não tangenciar o que é ser mulher e o conceito do sexo na sociedade, tentar entender o significado pictórico, filosófico, religioso, conceitual, desses temas tão importantes, estudados de diversas maneiras ao longo da história.

O primeiro lugar no qual comecei a pesquisar sobre o feminino foi em banheiros, observando a decoração e os diversos produtos de beleza escolhidos pelas mulheres antes de mim na minha família, os banheiros eram como santuários que os homens permitiam que as mulheres decorassem livremente, eles se contentavam com apenas com um pequeno canto, ocupado por desodorantes e poucos produtos para barba, enquanto elas tinham diversos cosméticos meticulosamente organizados em cima da pia, como imagens religiosas em um altar. Todas aquelas cores, texturas, azulejos e bibelôs me encantavam, e é uma estética que, ao longo do questionamento, liguei muito ao imagético

feminino, que é o centro da minha pesquisa como pintora. Com isso, comecei a observar e estudar algumas artistas que trabalhavam esse mesmo visual como aprofundamento desse estudo.



"Saboneteira e calcinha rosa", Ana Elisa Egreja, óleo sobre tela, 2024



"Azulejaria em carne viva", Adriana Varejão, 1999



"Fada do Ralo", Belabort, 42x60, óleo e acrílica sobre madeira, 2023



"Sem título", Belabort, 14x21, têmpera guache sobre papel, 2022

Isto posto, a partir do momento em que compreendi ser mulher como uma realidade, a mistura de fascínio e despreço por esse conceito com o qual eu tanto me identificava, mas ao mesmo tempo criticava, desembocou em dúvidas sobre o que era o feminino, como a cultura na qual estava inserida ditava o que era ser mulher e os efeitos disso, o que resultou num próximo passo natural para minha pesquisa, o estudo da religião.

Certa vez, o psicólogo e psiquiatra Carl Jung, ao qual sempre volto meus estudos, principalmente com relação às suas ideias sobre o inconsciente coletivo, disse “Entre todos os meus doentes pela segunda metade da vida, isto é, tendo mais de 35 anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa”, (JUNG, C. G. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1995.).

Acredito que a religiosidade é um dos resultados mais fascinantes do desenvolvimento da consciência humana, e tudo que fazemos é, de alguma forma, uma busca por Deus ou o que consideramos sagrado. Para mim, a forma mais prática na qual me encontro buscando por Deus é na pintura. Além disso, as religiões num geral, com destaque a católica - tendo em vista que, segundo os dados mais recentes do IBGE, 64,6% da população se considera católica, e 84,8%, cristã (IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012) – tem enorme impacto cultural na vida da população de todo o Brasil, e é um importante fator na forma como a sociedade ocidental compreende o papel da mulher.

É impossível negar, em qualquer área de estudo, a desigualdade e misoginia do mundo quando se trata do feminino. Como já foi muito trabalhado por artistas, entre outras, antes de mim, é claro que vivemos em um mundo que subjuga e negligencia mulheres. Como minorias sexuais, somos diminuídas ao “segundo sexo”, como é brilhantemente colocado por Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.), que se aprofunda na crítica às diversas formas de controle impostas às minorias sexuais marginalizadas.

Ao analisar por uma perspectiva bíblica, Eva, considerada a primeira mulher segundo a crença católica, é criada a partir de Adão, para que o mesmo não ficasse sozinho no paraíso, e após cometer o primeiro pecado, comendo o fruto proibido em Gênesis 3, Eva – e não obstante todas as mulheres depois dela- é punida com a dor no parto e a subjugação à dominância masculina. Ou seja, ao olhar as origens de como a nossa

sociedade, majoritariamente cristã, percebe a mulher, se evidencia a desigualdade que é, até hoje, parte determinante da experiência feminina.

Ao longo da minha vivência por esse mundo sendo mulher, sempre tive uma forte ligação com o imagético e a beleza, como se a feminilidade fosse uma experiência visual, acima de tudo. Como Michelle Perrot coloca em sua obra “Minha História das Mulheres, “A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências”.

Com isso, ao ingressar no curso de pintura da UFRJ, pesquisar a estética do feminino com o objetivo de criar um universo pictórico que represente tal conceito virou meu objetivo e maior objeto de estudo. Ao longo do curso, desenvolvi meu trabalho como artista visual, que hoje tem como proposta questionar o lugar das mulheres em uma sociedade misógina, porém, utilizando da apropriação dos padrões e estereótipos que nos são impostos como forma de crítica. Ao invés de propor a ruptura com o que é normalizado e considerado feminino, pretendo justamente exagerar esse imagético, criando um universo pictórico hiper feminino, trabalhando - nas cores, técnicas e temáticas- o que isso significa, que ao se encontrar com a distorção da forma e tonalidade ácida presente em minha pesquisa, invoque a proposta central, a exposição do absurdo do feminino.

Não posso fingir que escolhi a pintura, ela me escolheu. Nunca soube me expressar de outra forma e também nunca tive interesse. Talvez isso tenha acontecido pela ligação do visual com o feminino citado, talvez seja assim porque não existe outro modo de ser. Minha forma de pesquisar o feminino não poderia não ser a pintura, assim como minha pesquisa na pintura não poderia não ser o feminino. Não existe separação entre os dois, eu pinto porque sou mulher e compreendo ser mulher como compreendo porque pinto, se fosse de outra forma, não seria eu.

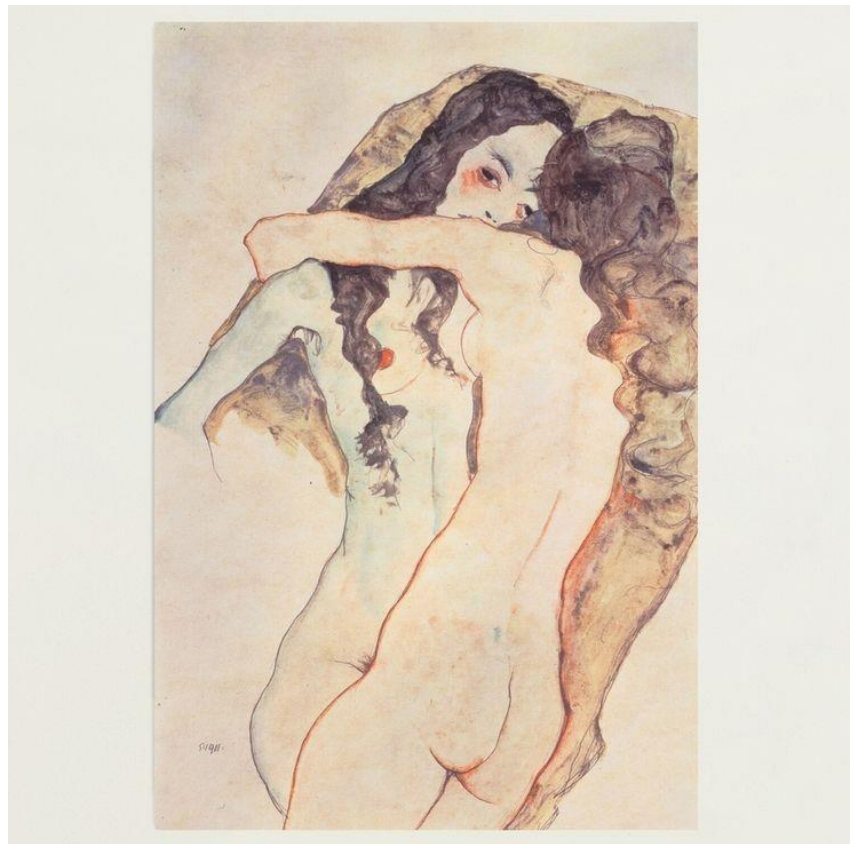
Isto posto, o objetivo da minha pesquisa como pintora ao longo do curso é criar pictoricamente um “mundo de menininha”, figuras de mulheres, referências da moda, uma paleta de cor que invoque essa ideia da hiper feminilidade, juntando construções sociais com questões naturais para tentar dissecar imagetivamente o que é, afinal, ser mulher, e, para isso, conclui que existem três pilares da minha pesquisa para desenvolver tal tema: O corpo feminino, o sagrado feminino e o absurdo feminino.



"Peso líquido 125g, peso drenado 84g", 14x21, acrílica e óleo sobre papel, 2024



"290420", Emília Patrício, 2020



"Two women embracing", Egon Schiele, 1911

Ao tratar sobre o corpo feminino, é difícil fugir da obrigação da beleza, e a obsessão pela mesma me moldou muito, ser e criar beleza, como mulher e artista visual, sempre foi um dos meus maiores objetivos, mesmo que fosse diretamente contra o meu bem-estar e minhas opiniões críticas quanto ao tema. Como a artista Mitski genialmente coloca em sua música “Brand New City”, livremente traduzido, “Se eu desistisse de ser bonita, não saberia como estar viva.”, isto se dá porque, como meninas, nos é ensinado desde sempre que a beleza é o nosso maior valor e poder, e sem ela, não temos muito a oferecer ao mundo.

Devido à linha de pensamento da crítica por meio da apropriação, o padrão de beleza ocidental é muito importante na construção do meu trabalho. Para representar o absurdo feminino presente no que se espera do corpo da mulher, as figuras que crio são como criaturas deturpadas nascidas da ideia doentia do padrão de beleza. Por isso, nesse ponto da pesquisa foi muito importante o estudo do desenho da forma e movimentos artísticos – ou artistas individualmente- que trabalhavam o mesmo, para que eu alcançasse esse ponto, de desenvolver a minha própria linguagem da distorção da figura humana.

É impossível falar de corpos e padrões de beleza hoje em dia, sem tangenciar o crescimento da “cultura de transtornos alimentares” exposto e alaistrado pelo mundo por meio da internet. Como uma menina crescendo nos anos 2000, com acesso ilimitado a informação, concebido pela mesma, me deparei com a “cultura dos transtornos alimentares” em fóruns de internet com apenas nove anos, e ao longo da minha vida, fui vendo minhas amigas e colegas chegarem nesse mesmo inevitável ritual da feminilidade na pós-modernidade. Considero que foi um grande fator formativo na vida de mulheres contemporâneas a mim, o momento em que elas primeiro se depararam com esses blogs repletos de fotos de mulheres extremamente magras e dicas doentias de dietas.

Tenho como objetivo explorar esse exato eixo pictórico doente e assustador da extrema magreza e a deformação da figura humana, por isso essas imagens com as quais podemos facilmente nos deparar na internet mostrando esses corpos doentes são valiosas referências no meu estudo da figura feminina.

Além disso, existe um horror violento sobre a experiência de ser mulher. Algo sobre sangrar todo mês, ou se você for sortuda como eu, muitas vezes botar pedaços sólidos de carne do seu endométrio para fora, ou o terror da ideia de uma vida, quase parasítica, se desenvolvendo dentro de você, ou a total falta de controle que temos sobre nossos

próprios corpos- falta de controle que varia de ver grupos políticos formados por homens discutindo assuntos de saúde pública que diretamente envolvem a segurança das mulheres, até as imagens, vídeos e notícias de feminicídio que são espalhadas pela internet todos os dias: a exploração do corpo feminino não para com ele vivo. Por isso a estética da violência e a linguagem do terror na arte são necessários para minha pesquisa.

Pictoricamente, a estética da violência, do corpo e das entranhas, são âncoras na formação da paleta de cor do meu trabalho. Para mim, rosa ser socialmente considerado cor de menina e também ser o vermelho dessaturado tão presente na estética de sangue e tripas não é nenhuma coincidência- e forma o que gosto de chamar de “rosinha tripas” ou “rosinha de menina”.



Para o desenvolvimento da paleta de cor dos meus trabalhos, geralmente uso a técnica da imprimação. Primeiro preparo papel com uma base de acrílica, que varia de cor dependendo de cada obra, entretanto geralmente se mantém em um amarelo dessaturado, um pouco frio, mas ainda um amarelo, com o objetivo de que essa cor respire pelo trabalho, mantendo-o em uma paleta mais quente, mas também dando bastante contraste as cores frias que utilizo, como o violeta, muito presente em como trabalho a carnção, de novo pensando em invocar uma visão mais horrorífica do corpo, e me inspirando na coloração de hematomas.

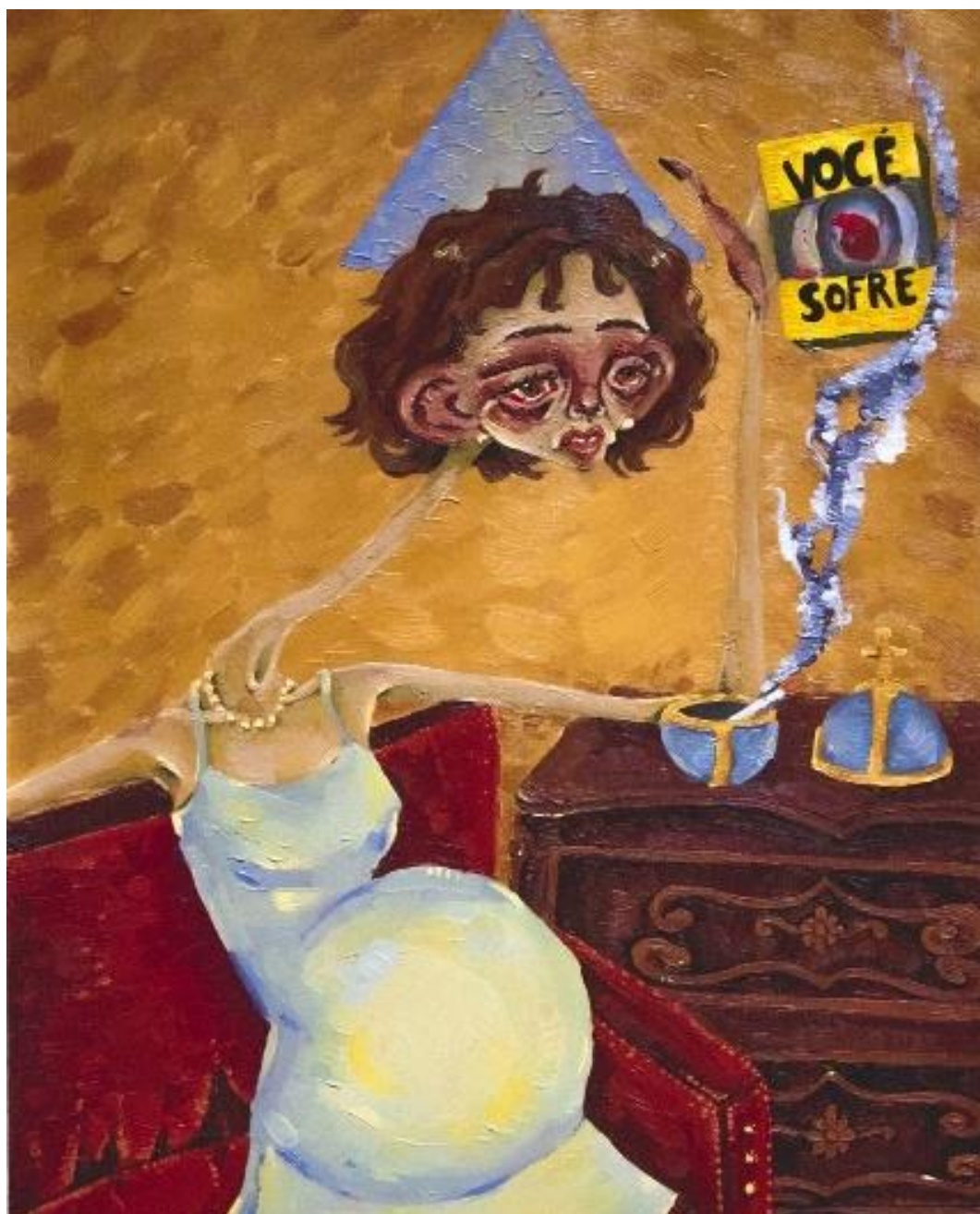


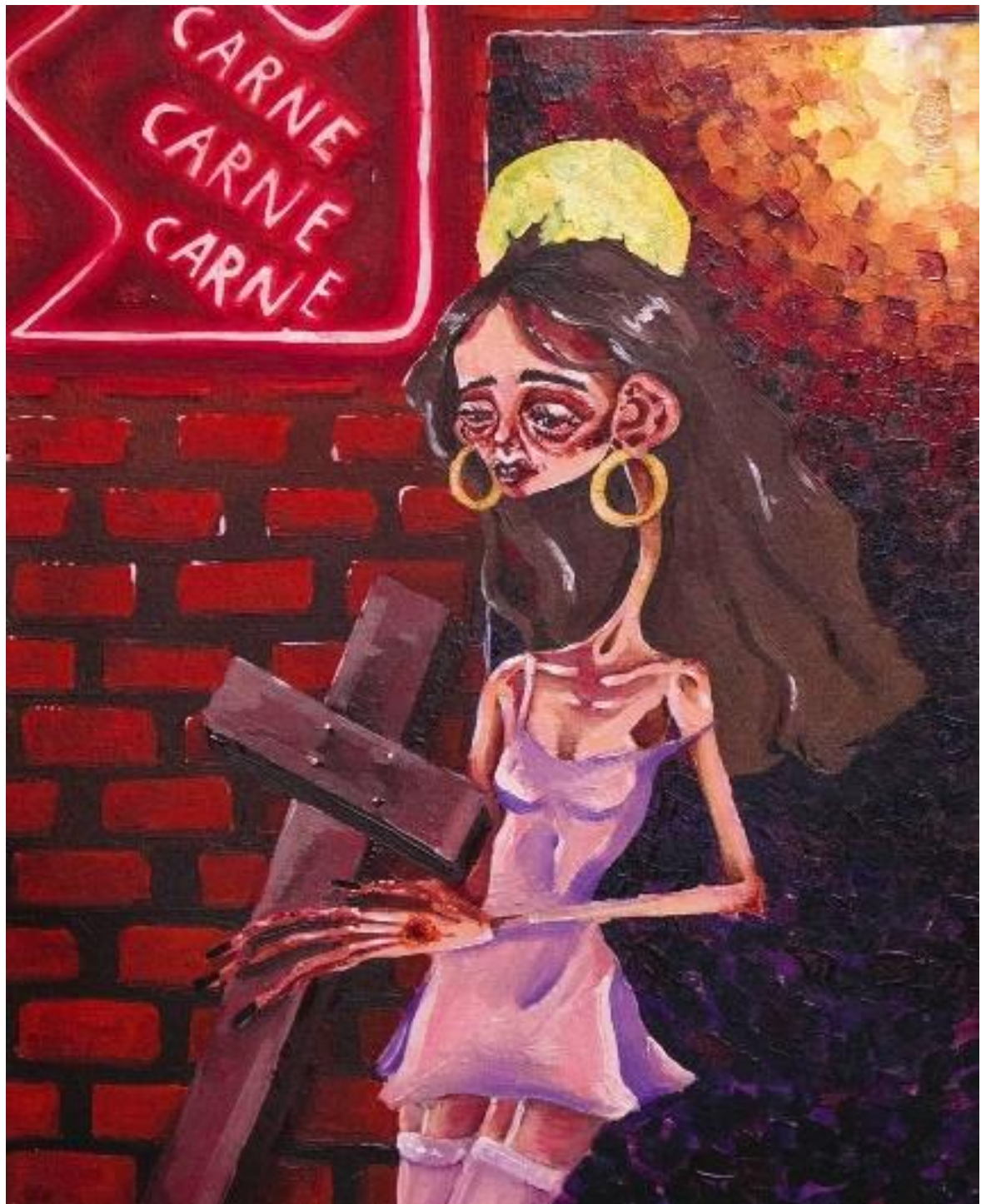
Na versão mais atual do Aurélio da língua brasileira publicado pela Michaelis, um dos vários significados da palavra “Deus” é “criador e regulador do universo”, então se, como pintora, tenho como objetivo criar e regular o meu próprio universo, não estaríamos eu e Deus, afinal, fazendo a mesma coisa?

Por isso, considero que o sagrado se faz muito presente no meu trabalho quando certos conceitos se mostram inevitáveis. Assim como a paleta de cor hiper feminina, inevitavelmente- para não dizer divinamente em um trabalho acadêmico-, se conecta com a paleta de cor da violência, outra fundamental conexão inevitável presente em minha pesquisa é perceptível entre dogmas cristãos e a cultura de transtornos alimentares citada previamente, ao observarmos tais fóruns e comunidades na internet e nos depararmos, constantemente, com conceitos como culpa e pureza.

Um questionamento que me surge é: como seria o culto a magreza do corpo feminino na sociedade, aspecto tão impactante na vida de mulheres, se o cristianismo não fosse um pilar da sociedade ocidental? Mais amplamente, o quão diferente seria a experiência feminina se, na bíblia, Levítico 15:19-33, a menstruação, condição natural das mulheres, não fosse colocada como impura e não fizesse com que tudo que a mulher menstruada toca, torne-se impuro também?

Ademais, outro importante aspecto a se explorar quanto a presença do feminino na religiosidade é o lugar – e a falta de lugar- de entidades femininas nas diversas religiões. Por isso, a imagem da Virgem Maria se faz muito presente em minha obra, entretanto, também gosto de pesquisar o que significariam os arquétipos de divindades masculinas caso fossem femininas. Por exemplo, o que o simbolismo de consumir o corpo de Jesus na comunhão significaria, se o mesmo fosse uma mulher?







“Série: Santíssima trindade” – Respectivamente: “A mãe”, “A filha” e “A Espirita Santa”, 21x29,7, Óleo e Acrílico sobre papel, 2021

the higher the
heels the closer
to god

Mapa Visual / O Sagrado Feminino

O absurdo feminino

O maior poder na criação de uma obra de arte, para mim, está no fato de que ela não é real, mas sim, uma representação da realidade. No início desse memorial (ou confissão, ou mais um discurso retórico que poderia estar nas páginas do meu diário), mencionei que pinto sobre a minha realidade- a minha deturpada, maníaca e absurda realidade-, e que não acredito que seja possível falar de uma realidade universal. Por isso, ao criar algo irreal sobre o que é “real”, como uma obra de arte, acabamos por expor a fragilidade do próprio conceito de real. Na minha particular opinião, o lugar da mulher não é, realmente, debaixo da sola da bota da dominância masculina patriarcal, entretanto, essa é a inescapável “realidade” feminina, então, o que é real? Será que podemos afirmar que existe algo como uma “realidade” feminina?

Apesar da realidade estar se desmaterializando diante dos nossos olhos, é impossível escapar dela. Não importa o quanto questionamos se o real valor humano pode ser definido pelo trabalho e o capital, ainda precisamos trabalhar para sobreviver. O real não passa de uma história a qual estamos presos, e por isso, na arte, só me resta o absurdo.



"Dizem que carne de mulher é doce, mas eu só sinto amargo amargo amargo", Belabort, 29x42, Óleo e acrílica sobre papel, 2021

Por isso, a pintura como linguagem foi a forma que consegui expressar o absurdo da experiência feminina em um mundo criado por Deus e todos os homens para aniquilar qualquer chance de sanidade para nós mulheres.

A conclusão do absurdo feminino pode, de certa forma, explicar toda a minha pesquisa. Como mencionei, o desenho da figura tem a ver com questionamentos sobre o corpo feminino, e a paleta de cor com a ideia da feminilidade, mas é a conclusão de que tudo isso é absurdo que realmente forma o meu trabalho.

Uma das minhas maiores inspirações artísticas é o cineasta e multi artista David Lynch. Em suas obras, Lynch frequentemente cria uma realidade, te reafirma aquela realidade, só para depois a destruir com rachaduras na narrativa que, na verdade, sempre estiveram lá. Em filmes como Mullholand Drive, ou a série Twin Peaks, o cineasta faz isso por meio do roteiro não linear, personagens que tentam nos avisar, como na clássica frase da série Twin Peaks, que é repetida diversas vezes: “Nós vivemos em um sonho”, presenças estranhas e uma direção de arte onírica. Ao trabalhar o absurdo feminino, tenho como objetivo evocar essa mesma proposta, porém utilizando da linguagem da pintura, que considero perfeita para isso.

Como pintora, crio cenários que são reais, locações do dia-a-dia, mas ao misturá-los com a distorção da forma e da perspectiva, uma dinâmica de luz muito mais próxima de uma fotografia de propaganda ou um poster do que a iluminação dramática que geralmente esperamos de uma pintura, pretendo justamente trazer esse lembrete sutil da temática do absurdo.



Mapa Visual / O Absurdo Feminino

Conclusão

Isto posto, meu objetivo final com essa pesquisa desenvolvida ao longo dos meus estudos no curso de pintura, era criar obras que invocassem um universo íntimo, feminino e absurdo. Cada parte da formação das obras apresentadas são pensadas para tentar ao máximo criar essa atmosfera visual. Da escolha do papel como suporte, que para mim representa a intimidade desse projeto, o toque do papel, como se fosse uma folha de um diário, as proporções não tão grandes, porque considero que esse universo seria menor do que o que habitamos materialmente, como as brincadeiras de casas de boneca são para meninas. Até a paleta de cor, como citada e os títulos, que sugerem uma interpretação, mas mesmo sem eles, ainda é possível ver o universo pictórico.

1.3.1 Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.)

Diversos Autores. **A Bíblia Sagrada**

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012)

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1995

LEWITT, Sol. **Sentenças sobre a Arte Conceitual**, 1969.

PERROT, Michelle. A história das mulheres. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 11, n. 21-22, p. 7-14, 1991.

PLATH, Sylvia. **Diários de Sylvia Plath: 1950-1962**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017

Exposição coletiva dos formandos do curso de Pintura 2025.1

CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

De 24 a 27 de junho de 2025, no hall do prédio da Reitoria da UFRJ, no Fundão,



A mostra reuniu trabalhos de 23 artistas em formação, cujas pesquisas convergem em três eixos centrais: corpo, memória e identidade. O corpo aparece como presença física e simbólica, atravessado por questões de gênero, desejo e transformação. A memória surge nas relações com o tempo, a ancestralidade e a infância, atravessada por afeto e imaginação. A identidade, por sua vez, emerge do cruzamento entre corpo e memória, revelando narrativas sensíveis e políticas sobre pertencimento, representação e subjetividade.